



A INTERPRETAÇÃO DAS CENAS DE ÁGORA NA EPOPÉIA HOMÉRICA: O TEXTO E A DETERMINAÇÕES DE SEUS CONTEXTOS SÓCIO- CULTURAIS.

Alfredo Julien*

Universidade Federal de Sergipe – UFS

alfredojulien@yahoo.com.br

RESUMO: Neste artigo são discutidos dois procedimentos largamente empregados nas análises das cenas de assembleia na *Ilíada* e na *Odisseia*: o da atribuição de significados para os vocábulos *dêmos* e *laós* e o da determinação de como teria se operado a composição dos poemas, *vinculando-os*, por esse procedimento, a referências sociais externas, que acabam servindo de pontos de referências para a condução da análise.

PALAVRAS-CHAVE: Ágora – *Ilíada* – *Odisseia*

ABSTRACT: This article discusses two procedures widely used in the analysis of meeting scenes in the *Iliad* and *Odyssey*: the attribution of meaning to words *dêmos* and *laós*, and the determining of how the composition of the poems have been operate, linking them, by this procedure, to external references, which ultimately serve as points of reference for conducting the analysis.

KEYWORDS: Agora – *Iliad* – *Odyssey*

Embora qualquer afirmação generalizante sempre apresente o risco de não dar conta das múltiplas particularidades que acompanham os contextos complexos, a Atenas do período clássico – grosso modo o período dos séculos V e IV a.C – apresenta-se como um dos marcos do que poderíamos chamar de cultura ocidental, com inegável papel na formação das identidades que configuram aspectos importantes da contemporaneidade. Vista como lugar paradigmático, no qual se desenvolveram práticas modelares de nosso mundo – como o teatro, a filosofia e a democracia –, transformou-se em lugar privilegiado para o exercício de reflexões nas mais diversas áreas das

* Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe.

humanidades.¹ O tema da *pólis*, principalmente a democrática, se enquadra nesse universo de discussões, com o interesse pelas suas formas de funcionamento e organização ocupando lugar importante no campo dos estudos sobre a Grécia Antiga.²

A *pólis* democrática – definida aqui como comunidade humana formada por um corpo de cidadãos, sobre o qual se assenta o poder de decisão – tinha na assembleia sua principal instância deliberativa. Era nela que os cidadãos se reuniam para decidir questões importantes que afetavam a vida da cidade, como declarações de guerras ou tratados de paz.³ É contra esse pano de fundo, que se desenvolveram trabalhos a respeito do tipo de organização comunitária figurada na epopéia homérica, com o objetivo de detectar se as sociedades apresentadas nos poemas teriam características que as aproximariam da constituição da *pólis*, com assembleias exercendo soberania sobre o espaço social abarcado por ela, ou seriam sociedades pré-políticas, que ainda não teriam nas assembleias um espaço importante de deliberação, sendo o domínio patriarcal, o *oîkos*, a sua esfera preponderante.⁴ Os modelos de organização social presentes na

¹ Com essas observações, não se quer afirmar que haja uma linha de continuidade entre a Atenas Clássica e nosso mundo. Somos marcados por diferenças profundas quanto às práticas sociais e subjetivas envolvidas em nosso teatro ou experiências democráticas. Nossa relação com os gregos antigos parece ser marcada por um jogo ambíguo de forças, pois se somos diferentes, ao mesmo tempo, nos sentimos profundamente ligados a eles. Assim, falar sobre a Atenas Clássica é de certo modo refletir sobre questões essenciais do mundo contemporâneo, contudo é necessário estar atento para não deixar de lado as singularidades que nos diferenciam.

² Para uma introdução geral a respeito do tema da *pólis* ver: FINLEY, M. I. Política. In: _____. **O Legado da Grécia Antiga: uma nova avaliação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 31-47.

³ Tucídides põe na boca de Péricles uma das mais contundentes defesas e caracterizações da democracia, apresentando-a como uma forma de organização assentada na maioria, na qual as questões públicas são decididas pelo corpo de cidadãos (cf. II, 37 e 40). Ele também descreve episódios em que o povo reunido em assembleia delibera sobre questões importantes da cidade. Destaca-se a assembleia em que foi decidida a expedição militar contra Siracusa (cf. VI, 24, 3-4) e a em que ocorreu o debate sobre os Metilenos (III, 35 – 49). Salienta-se também a caracterização da democracia apresentada por Heródoto em sua **História**, no contexto de um debate de qual seria o melhor tipo de governo a ser adotado na Pérsia (cf. III, 80). Porém deve-se ressaltar que a democracia tinha seus críticos, entre eles, lembramos Aristófanes, comediógrafo que compôs peças cujo pano de fundo era as instituições democráticas, como a assembleia ou o tribunal. Destacam-se nesse sentido as peças **Os Cavaleiros** e **As Vespas**. Vale ressaltar também a obra de Platão, destacando-se **Protágoras**, na qual Sócrates é apresentado questionando o princípio de que todos os cidadãos possuíam a capacidade política. Cf. TUCÍDIDES. **História Da Guerra Do Peloponeso**. Tradução de Mário da Gama Kury. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. 584 p.; HERÓDOTO. **História**. Tradução de Mário da Gama Kury. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988. 613 p.; ARISTÓFANES. **As Vespas – As Aves – As Rãs**. Tradução de Mário da Gama Kury. 2 ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000. 294 p.; _____. **Os Cavaleiros**. Tradução de Maria de Fátima de Souza e Silva. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. 152 p.; PLATÃO. **Protágoras, Górgia e Fedão**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 2 ed. Belém: EDUFPA, 2002. 342 p.

⁴ A transliteração de vocábulos gregos segue a orientação da SBEC. Cf. **Clássica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, São Paulo, v. 19, n. 02, p. 302-303, 2006.

epopéia homérica refletiriam uma estrutura *poliade*, na qual o *dêmos* assumiria papel decisivo nas soluções dos conflitos comunitários, ou uma organização de caráter pré-político, em que as esferas de organização coletiva ainda não apresentariam desenvolvimento suficiente para rivalizar-se com a força do *oîkos*,⁵ do domínio patriarcal.

Na épica homérica, o vocábulo *ágora* é utilizado para denominar tanto o espaço físico constituído pela praça pública como o social, representado pelas assembleias. Segundo Chantraine, *ágora* seria o nome da ação referente ao verbo *agueiro*, reunir. Em grego alfabético significaria “assembleia do povo” e, também, o local em que se realizava essa assembleia.⁶ Tanto na *Ilíada* como na *Odisseia*, ela é apresentada como um espaço importante de interação social, amplamente empregada no esquema de composição da narrativa como local de celebrações, discussões, discórdias e pacificação. Na *Ilíada*, aqueus e troianos organizam dez assembleias. Em todas figuram situações relevantes pontuando a condução da trama. Dispostas em duplas, com paralelismos de conteúdos, as assembleias estão bem articuladas no plano da narrativa.⁷

⁵ *Oikos* designa o domínio aristocrático, envolvendo a casa, as terras, bens e todos aqueles que fazem parte de seu domínio, como parentes, servos e escravos. Cf. *OIKOS. Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004, p. 213.

⁶ *ÁGORA. Dictionnaire Étymologique De La Langue Grecque*. Paris: Éditions Klincksieck, 1968, p. 12.

⁷ Na primeira assembleia (1, 17-52), figuram os episódios que dão início à narrativa. Nela, Agamêmnon recusa o pedido de resgate feito por Crises, sacerdote de Apolo, em prol da libertação de sua filha. Como consequência, ofendido, o sacerdote recorre ao deus, que, então, envia a peste avassaladora ao acampamento aqueu. Diante da mortandade, Aquiles convoca uma assembleia, a segunda, na qual ocorre a querela com o Atrida (1, 53-307). Como resultado, Aquiles se retira dos combates e pede à sua mãe, a deusa Tétis, que interceda junto a Zeus para que seja vingado. Zeus aquiesce e incita Agamêmnon, por intermédio de um sonho, a reiniciar os combates aos troianos. Então, de manhã, o Atrida levanta-se e convoca uma assembleia (2, 41-52; 86-399), a terceira. A reunião é tumultuada. Nela Agamêmnon, em uma estratégia controvérsia, muito debatida pela crítica, propõe a retirada, motivando a debandada dos homens em direção às naus. É Odisseu quem convence a tropa retornar. Ao final, os aqueus estão novamente determinados a retomar os combates. Então, se reagrupam e avançam em direção à cidadela de Tróia. Os troianos recebem a notícia do ataque reunidos em assembleia, a quarta, e se preparam para a luta (2, 786 -810). Quando cessam os combates desse dia, reunidos em assembleia, a quinta (7, 344 – 380), os troianos elaboram uma proposta de paz. No dia seguinte os aqueus recebem-na e rejeitam-na, também reunidos em uma assembleia, a sexta (7, 381 – 411). Ao final do segundo dia de batalha, aqueus e troianos novamente reúnem suas assembleias. Em uma delas, a sétima (8, 489 – 542), Heitor promete destruir os aqueus. Ao mesmo tempo, na outra, a oitava, em um momento de desespero, Agamêmnon propõe a fuga (9, 9 – 88), desta vez recusada. Ao final do terceiro dia de batalha, quando Pátroclo foi morto, troianos e aqueus reúnem suas assembleias. Entre os troianos, Heitor insistiu em permanecer com suas tropas fora dos muros da cidade e manter o cerco, embora advertido por Polidamas de que não deveria tomar tal atitude, pois Aquiles, em breve, retornaria aos combates para vingar a morte do amigo (18, 243 – 313). Na manhã do dia seguinte, Aquiles, também em uma assembleia, a décima (19, 40 – 237), comunica aos aqueus que retornaria aos combates, selando, assim, a sorte do líder troiano.

Na *Ilíada* ainda há a passagem do **Escudo de Aquiles**, na qual se descreve uma *ágora* em que se discute a respeito de um homicídio.⁸ Na *Odisseia*, embora o cenário social em que as personagens se movimentam seja mais variado, a assembleia também é apresentada como importante espaço de interação. É pela convocação de uma que Telêmaco dá início às suas ações para resolver a situação aflitiva em que se encontrava, pedindo para que os pretendentes abandonassem sua casa e um navio tripulado para viajar em busca de notícias de seu pai.⁹ É também na *ágora* de Ítaca, após Odisseu ter consumado sua vingança, que os parentes dos que foram mortos reúnem forças para lutarem contra ele.¹⁰ Na *Odisseia*, a *ágora* também está presente entre os Feácios¹¹ e os Lestrigões.¹² Sua ausência é explicitamente citada entre os Ciclopes.¹³

A *ágora* é uma presença marcante em Homero, motivando intenso debate, no qual se destacam o interesse pela sua função no conjunto das instâncias organizativas e pela composição social dos grupos que a frequentaria.¹⁴ O debate em torno da assembleia homérica está diretamente relacionado com a questão da emergência da *pólis* como forma de organização coletiva. Hammer observa que mesmo um exame superficial sobre os estudos homéricos revela a visão quase axiomática de que a *épica* homérica retrataria um mundo pré-político. Nessa linha de raciocínio, a *pólis* autônoma conteria os arranjos institucionais necessários para levar a cabo as funções políticas de

⁸ *Ilíada*, 18, 478 - 607. Cf. TAPLIN, Oliver. The Shield of Achilles Within the Iliad. **Greece & Rome**, 2nd Ser, Vol. 27, No 1, p. 1-21. 1980; BYRE, Calvin S. Narration, Description, and Theme in The Shield of Achilles. **The Classical Journal**. Chigado: The Association, v.88, No.1, p. 35-42, 1992; NAGY, Gregory. The Shield of Achilles: Ends of Iliad and Beginnings of Polis. In: LANGDON, Susam. (Org.). **New Light on a Dark Age: Exploring the Culture of Geometric Greece**. Columbia: University of Missouri Press, 1997, p. 194-207.

⁹ *Odisseia*, 2, 1-259.

¹⁰ *Odisseia*, 24, 413-64.

¹¹ *Odisseia*, 6, 1-13, 80. Para comentários a respeito dos Feácios, ver :SEGAL, C. **Singers, heroes, and gods in the Odyssey**. New York: Cornell University Press, 1994. 244 p.

¹² *Odisseia*, 10, 80-132.

¹³ Sobre os Ciclopes, ver MONDI, Robert. The Homeric Cyclopes: Folktale, Tradition, and Theme. **Transactions of the American Philological Association**, v. 113, 1983, p.17-38; CLAY, Jenny S. Goat Island: *Odisseia*, 9.116-141. **The Classical Quarterly**, New Series, v. 30, n. 2, 1980, p. 261-264; GLENN, Justin. The Polyphenus Myth. **Greece & Rome**, Oxford: The Clarendon Press, v. 25, n. 2, p. 141-155, 1978; HERNANDEZ, Pura N. Back in the Cave of the Ciclops. **American Journal of Philology**, 121, p. 345-366, 2000.

¹⁴ Em alguns momentos emprega-se a expressão “em Homero”. Ela é utilizada não no sentido de considerar a real existência de alguém, chamado Homero, que teria composto a *Ilíada* e a *Odisseia*, mas apenas com a finalidade de identificar essas duas obras a partir do nome que a tradição vinculou a elas. A respeito da existência ou não de Homero, ver KIRK, Geoffrey S. The Search For The Real Homer. **Greece & Rome**, 2nd Ser, v. 20, n 2, p. 124-139, 1973.

alocação de recursos, a imposição de valores e o julgamento das disputas; condições estas que estariam ausentes na épica.¹⁵ Segundo Runciman, faltaria à sociedade homérica funções governamentais especializadas, a centralização da força coercitiva e a organização de estruturas estáveis.¹⁶ Também Halverson observa que a épica não teria dimensão política significativa, pois não conteria uma dimensão organizacional e psicológica da vida comunitária.¹⁷ Para Posner, Homero retrataria uma sociedade pré-política, caracterizada pela ausência de Estado, na qual a assembleia não constituiria um corpo governamental. Os seus membros teriam o direito de ser ouvido, mas nenhum poder de decisão.¹⁸ Para Finley, a assembleia ainda estaria longe de ter condições para executar as funções que exerceu na experiência da *pólis* clássica.¹⁹ Austin e Vidal-Naquet observam que o termo *pólis*, em Homero, ainda não apresentaria o significado de comunidade política, pois, para eles, embora o sentimento comunitário esteja presente na *Ilíada* e na *Odisseia*, este ainda sofreria forte concorrência do poder do *oîkos*.²⁰ Osborne observa que, nas assembleias de Ítaca, não se esperava que o povo tomasse uma decisão coletiva, mas que os indivíduos presentes guiassem suas próprias ações a partir das informações obtidas nela.²¹ Porém o grupo dos que identificam na épica homérica aspectos comunitários que remetam a elementos *políades* vem adquirindo simpatizantes de forma crescente, entre estes citamos Morris,²² Sale,²³ Scully,²⁴ Wees²⁵ e Trabulsi.²⁶

¹⁵ Cf. HAMMER, Dean. The politics of the Iliad. **The Classical Journal**, v. 94, n. 1, p. 1-30, 1998.

¹⁶ Cf. RUNCIMAN, Walter G. Origins of States: The Case of Archaic Greece. **Comparative Studies in Society and History**, v. 24, n. 3, p. 351-377, 1982.

¹⁷ Cf. HALVERSON, Jhon. The Succession Issue in the Odyssey. **Greece and Rome**. Oxford: Clarendon Press, v. XXXIII, n. 2, p.119-128, 1986.

¹⁸ Cf. POSNER, Richard A. The Homeric Version of Minimal Estates. **Ethics**, v. 90, n. 1, p. 27-46, 1979.

¹⁹ Cf. FINLEY, Moses I. **O mundo de Ulisses**. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1998. 143 p.

²⁰ Cf. VIDAL-NAQUET, Pierre. **Economia e Sociedade na Grécia Antiga**. Tradução de Antonio Gonçalves e Antonio Nabarrete. Lisboa: Edições 70, 1972. 363 p.

²¹ Cf. OSBORNE, Robin. Homer's Society. In: FOWLER, Robert. (Ed.). **The Cambridge Companion To Homer**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 206-219.

²² Cf. MORRIS, Ian. The use and abuse of Homer. **Classical Antiquity**. Berkeley: University of California Press, v. 5, n.1, p. 81-138, 1986.

²³ Cf. SALE, Willian M. The Government of Troy: Polite in the Iliad. **Greek-Roman and Byzantine Studies**. Duham, Duk University, v. 35, n. 1, p. 5-102.

²⁴ Cf. SCULLY, Stephen. **Homer and The Sacred City**. Ithaca: Cornell University Press London, 1994. 230 p.

Neste artigo apresenta-se discussão a respeito de alguns aspectos de como a questão da *ágora* costuma ser encaminhada pela crítica. Não de maneira exaustiva, é claro – o que seria impossível tanto pela dimensão da tarefa como pela economia do texto –, mas de modo a trazer para a reflexão alguns procedimentos analíticos presentes nas práticas dos que se debruçam sobre o tema. A atenção centra-se especificamente em duas operações largamente empregadas nas interpretações das cenas de assembleias na épica homérica: o da atribuição de significados para os vocábulos *dêmos* e *laós* e o da determinação de como os poemas foram compostos, vinculando-os a um período histórico específico, para que, por meio de referências externas, possam ser elucidadas questões que se apresentam ambíguas ou indefinidas.

A QUESTÃO DA AUTORIA E DO PROCESSO DE COMPOSIÇÃO

Para os que se dedicam à questão do papel da *ágora* na epopéia homérica, um dos principais problemas consiste de a *Íliada* e a *Odisseia* serem o resultado de um longo processo de composição oral, que pode ter perdurado dos finais do período micênico (século XII a.C.) a meados do arcaico (século VI a.C.), ou ainda mais adiante, adentrando na época clássica, o que dificulta uma das principais operações empregadas pelos historiadores de ofício: a de remeter suas fontes aos seus contextos de produção, procurando a partir da sua vinculação a um momento histórico específico solucionar os problemas impostos à interpretação.²⁷

²⁵ Cf. WEES, Hans *The Homeric way of war: The Iliad and Hoplite Phalanx (I)*. **Greece & Rome**, Oxford, v. XLI, n. 1, p. 1-17, 1994; WEES, Hans. *The Homeric way of war: The Iliad and Hoplite Phalanx (II)*; _____. Oxford, volume XLI, número 2, p. 131-154, 1994.

²⁶ Cf. TRABULSI, José A.D. **Ensaio sobre a mobilização política na Grécia Antiga**. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2001. 144 p.

²⁷ Este é um longo espaço de tempo, abrangendo variadas formas de organização social em constante processo de transformação, que tradicionalmente costuma-se subdividir em três períodos: o micênico – grosso modo do XV ao XII –, caracterizado por realzas, encabeçadas por um soberano, o *wanax*, que parecia exercer forte controle sobre as comunidades aldeãs submetidas ao seu poder; o chamado período homérico - grosso modo, séculos XI ao IX –, também denominado de idade obscura (a *dark age*); e, por fim, o período arcaico – grosso modo séculos VIII ao VI –, momento em que há o reaparecimento da escrita e a clara manifestação da *pólis* como forma de organização comunitária. Embora tal subdivisão sofra de esquematismo, ela ilustra bem um problema complexo que se põe aos que empreendem análises históricas dos poemas homéricos: o processo de composição perpassa períodos históricos distintos. Para uma leitura introdutória sobre esses três períodos ver FINLEY, Moses I. **Grécia Primitiva: Idade do Bronze e Idade Arcaica**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1990. A respeito do processo de composição da épica homérica ver NAGY, Gregory. **Homeric Questions**. Austin: University of Texas Press, 1991. 180 p. Para uma leitura introdutória, sugerimos EDWARDS, Mark Edwards. **Homer poet of Iliad**. London: The Johns Hopkins Press Ltd,

A identificação da fonte com um contexto histórico e social determinado é procedimento largamente difundido no âmbito da pesquisa histórica, sendo praticada e ensinada desde os primeiros momentos da formação acadêmica do historiador. A prática constitui-se instrumento poderoso para a análise. Diante das dificuldades de interpretação, a identificação da fonte a um momento histórico determinado, com características claramente definidas pela crítica, acaba servindo de eixo de referência, propiciando elementos necessários para a condução da análise. Tal instrumento metodológico é amplamente empregado na interpretação de fontes de natureza poética ou dramática. Por meio da vinculação da obra a um contexto social externo, obtém-se o conjunto de referências que permitem criar explicações elucidativas dos conteúdos sociais expressos em suas tramas. É com o objetivo de refletir sobre essa prática metodológica que trazemos a discussão sobre a *ágora* homérica, relacionando-a a hipóteses de como teria se processado a composição dos poemas. Partindo do primado de que uma obra poética deva expressar basicamente os valores e formas organizativas da época em que foi composta, a determinação de como se operou a composição da *Ilíada* e da *Odisseia* serve de instrumento para vinculá-las a um contexto histórico específico e, a partir dele, empreender a interpretação das tramas sociais contidas nos poemas. Nesse sentido, a importância da *ágora*, como instância organizativa das sociedades figuradas na épica homérica, é estabelecida em associação com o período histórico com qual a *Ilíada* e a *Odisseia* são identificadas.

Mas como precisar o período com o qual os poemas devam ser identificados, se pertencem à esfera de uma longa tradição oral? O trabalho de Finley, **O Mundo de Ulisses**, é modelar para o entendimento da questão. Articulado com clareza a operação citada acima, e não se esquivando dos problemas metodológicos implicados por suas opções, apresenta os principais pontos em torno dos quais orbitam o debate sobre as assembleias homéricas. Segundo Finley, Homero teria composto sua obra servindo-se de versos formulares, criados em momentos históricos diferentes por gerações de aedos, para descrever as mais diversas situações.²⁸ Essa herança poética seria composta por fórmulas que teriam surgido e se fixado em períodos diferentes, com cada uma delas

1988. 341 p. (1987); e KIRK, Geoffrey S. **The songs of Homer**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

²⁸ Para definição de formula ver LORD, Albert B. Composition by Theme in Homer and Southslavic Epos. **Transactions and Proceeding of the American Philological Association**, v. 82, p. 71-80. 1951; e NAGY, Gregory. **Homeric Questions**. Austin: University of Texas Press, 1991, p. 18. 180 p.

apresentando conteúdos que refletiriam as estruturas sociais dos momentos em que foram compostas.²⁹ Assim na épica homérica, ter-se-ia um conjunto de informações a respeito de estruturas sociais pertencentes a contextos históricos distintos, com profundas diferenças entre si, remontando pelo menos do século XII ao VIII a.C. Para Finley, Homero e sua tradição de aedos não se importariam com essa mistura anacrônica, pois manifestariam “o mínimo interesse pela história, no sentido em que hoje a entendemos”.³⁰ “Ora deliberadas [...] ora por negligência e indiferença para com a exatidão histórica, para já não falar dos erros inevitáveis devido à transmissão oral”, a intervenção de gerações de aedos teria atuado no sentido de promover sucessivas modificações na massa de fórmulas tradicionais, gerando um material cheio de erros, anacronismos e exageros.³¹ Porém, para além de toda essa aparente confusão, Finley considera possível, com tratamento adequado dado pela análise histórica, perceber um quadro geral traçado de forma precisa e coerente.

O quadro que os poemas descrevem é, no essencial, coerente. Transparecem por aqui e por ali fragmentos anacrônicos, alguns muito antigos, outros, especialmente na Odisseia, muito modernos que são reflexos da própria época do poeta. A análise histórica pode separar do quadro geral, traçado com precisão, os episódios e os pormenores da narrativa, a acção, cuja inexatidão pode ser demonstrada.³²

Assim, classificando os episódios, temas e fórmulas de acordo com o período em que teriam se fixado e corrigindo seus erros e exageros, a análise histórica de Finley desfaz o que ele chama de confusão homérica. Desse modo, a visão de um quadro de fundo, traçado de forma precisa e coerente, é obtida pela separação, atenuação e cortes de elementos que aparecem misturados nos poemas. Os perigos desse procedimento analítico, ele mesmo aponta:

[...] somos tentados a não ter em conta tudo o que a escolha deliberada feita pelo poeta implica, a afastar as conclusões e contradições aparentes das questões sociais e políticas (enquanto distintas, dos incidentes da narrativa), como se se tratasse simplesmente da negligência de um bardo que não se preocupava com a realidade histórica.³³

²⁹ FINLEY, Moses I. **O mundo de Ulisses**. Lisboa: editorial Presença, 1998, p. 43.

³⁰ Ibid., p. 26.

³¹ Ibid., p. 43.

³² Ibid., p. 45

³³ Ibid., p. 46.

Erros, inexatidões, exageros e contradições de um lado; um mundo real, traçado de forma precisa e coerente de outro. Seu sistema considera a contradição como erro, o que pode induzir a resultados que afastem das conclusões as contradições presentes nas questões sociais. Finley utiliza o conceito de coerência como critério validador da historicidade de seu modelo de sociedade homérica, considerando que Homero, conscientemente, buscava essa coerência, evitando qualquer contradição em seu relato.³⁴ Para ele, Homero teria composto sua épica com um mínimo de interferência pessoal, transmitindo o legado formular herdado “com precisão na aparência gelada”.³⁵ A maior parte desse legado poético ter-se-ia se fixado durante os séculos X e IX, expressando, assim, os valores e a organização social dessa época. Desse modo, Homero constituir-se-ia muito mais em um retransmissor da visão de mundo de seus antepassados do que um espelho de sua própria época. A *Ilíada* e a *Odisseia* serviriam então de focos de luz sobre o passado que antecedeu a experiência da organização da *pólis* arcaica. A sociedade homérica seria pré-política.³⁶ Nela ainda faltaria o princípio da cidadania e o pleno desenvolvimento da ideia de comunidade política que, em Homero, ainda seria embrionário. Esse é o ponto de referência em torno do qual Finley constrói o seu quadro geral. Sob o título de anacronismos, erros e exageros, tudo que lhe parecer micênico ou *poliade* estará fora dele.

O trabalho de separação dos fragmentos micênicos e arcaicos do quadro geral – formado segundo Finley pelo mundo dos séculos X e IX – é facilitado pelo seu pressuposto de que Homero possuiria consciência das misturas que promovia em seu relato, principalmente no que respeita ao que seria de sua própria criação e ao que pertenceria ao legado herdado. Assim em um comentário sobre a vinculação entre o governo justo de um rei e os benefícios que isso proporcionaria ao seu povo, conclui que tal noção seria anacrônica, pois pertenceria aos séculos VIII e VII e não ao mundo

³⁴ FINLEY, Moses I. **O mundo de Ulisses**. Lisboa: editorial Presença, 1998, p. 93.

³⁵ *Ibid.*, p. 46.

³⁶ Por questão de perspectiva evitamos utilizar a expressão “sociedade homérica”, exceto quando expressa opinião ou é empregada por alguns dos autores abordados neste artigo. Em seu lugar preferimos “sociedades figuradas em Homero”, pois dessa forma manifesta-se a opinião de que se está referindo a modelos sociais presente em uma obra poética e não, necessariamente, em uma sociedade concreta, realmente existente em algum momento da história. A relação entre uma obra poética e o todo social de que faz parte é complexa e a dicotomia ficção e realidade peca por seu rígido esquematismo. Para Finley, o modelo social presente em Homero teria contrapartida histórica, que caracterizaria o mundo grego dos séculos X ao IX, a “Idade Obscura”. Para o conceito de “Idade Obscura”, a *Dark Age*, ver SNODGRASS, Anthony M. **The Dark Age of Greece**. New York: Routledge, 2000. 456 p.

de Ulisses. A inclusão desse conceito na Odisseia seria motivada pela liberdade de Homero em introduzir no seu relato uma noção contemporânea sua. Porém, Finley afirma, “fá-lo com toda cautela, a propósito de uma comparação inocente, evitando, por esse meio, toda contradição na própria narrativa”.³⁷ Para Finley, a assembleia homérica relacionar-se-ia ao contexto da *Dark Age*, possuindo papel ainda muito aquém do que veio representar na ordem da cidade-estado clássica.³⁸

[...] a assembleia nem votava nem tomava decisões. A sua função era dupla: confrontar os argumentos prós e contras e exprimir ao rei ou ao comandante do campo a opinião predominante [...] O rei era livre de tomar ou não em conta os sentimentos expressos [...] A assembleia era para os reis um modo de testar a opinião pública, da mesma maneira que o conselho de anciãos exprimia o sentimento dos nobres.³⁹

Morris, como Finley, também atribui ao processo de composição dos poemas grande importância para a análise. Para ele a chave para uma boa compreensão dos poemas encontrar-se-ia no processo de composição dos mesmos, ou seja, “como”, “quando”, “por que” e “por quem” teriam sido criados. É por meio das respostas que fornece para essas indagações que empreende sua análise, fixando Homero no tempo e contextualizando a épica em seu ambiente histórico-social.⁴⁰ Porém, pautando-se em Lord⁴¹ e Finnegan,⁴² advoga que, diferentemente de Finley, a épica homérica guardaria fortes relações com o contexto social do século VIII – época em que teria assumido a forma em que foi transmitida até nós –, pois, na composição oral, em virtude de o poeta compor durante a performance e não simplesmente recitar versos memorizados, sempre iguais, cada apresentação de um canto seria diferente da outra. Desse modo, um poema dificilmente restaria estático durante longo tempo e as sociedades não letradas

³⁷ FINLEY, Moses I. **O mundo de Ulisses**. Lisboa: editorial Presença, 1998, p. 93.

³⁸ Adkins concorda com a estrutura geral montada por Finley e reforça a ideia da coerência como validadora da contrapartida histórica para a sociedade que se apresenta nos poemas. Considera impossível acreditar que os bardos da tradição oral tivessem inventado de sua própria imaginação uma sociedade com instituições, valores, crenças e atitudes tão coerentes e mutuamente apropriadas. Segundo ele, tal adequação somente poderia estar baseada na vivência social. Cf. ADKINS, Arthur W.H. Homeric values and homeric society. **The Journal of Hellenic Studies**. London: Society for the Promotion of Hellenic Studies, v. XCI, p.1-14, 1971.

³⁹ FINLEY, 1998, op. cit., p. 93; p. 77-79.

⁴⁰ Cf. MORRIS, Ian. The use and abuse of Homer. **Classical Antiquity**. Berkeley: University of California Press, v. 5, n.1, p. 81-1138, 1986.

⁴¹ Cf. LORD, Albert B. **The singer of tales**. Cambridge: Harvard University Press, 1960. 307 p.

⁴² C.f. FINNEGAN, Ruth. **Oral Poetry**: its nature, significance and social context. Bloomington: Indiana University Press, 1992. 287 p.

flutuariam em um constante presente. Ideias que não fossem muito relevantes tenderiam a desaparecer, fazendo com que apenas os elementos que possuíssem sentido para a plateia e o cantor fossem preservados pelo canto. A épica, portanto, teria relação com a sociedade vivida pelo poeta, embora não fosse um reflexo direto dela, pois, além dos efeitos da “distância épica”, também seria modelada pelo ponto de vista do poeta, que exagera alguns elementos e diminui a importância de outros.⁴³ Para Morris, o argumento mais sério de Finley, para sustentar que a sociedade homérica retrataria o mundo grego dos séculos X e IX, seria sua observação de que neles não encontraríamos a instituição da *pólis*, porém, de acordo com Morris, Finley não diz o que esperava encontrar em Homero para aceitar o século VIII como base dos poemas, afirmando apenas que a organização social do mundo de Ulisses era inadequada para as incumbências conhecidas de algumas *pólis* contemporâneas de Homero. A isso, Morris observa que o poder da assembleia homérica era considerável e que ela seria capaz de organizar as mesmas atividades que as cidades gregas do século VIII assumiam, concluindo que a afirmação de Finley, de que o mundo de Ulisses era fundamentado estritamente no *oikos*, seria infundada, pois a comunidade decidia as questões que ameaçavam o seu equilíbrio.⁴⁴ Morris cita as passagens *Od. 2,32 e 2, 44-45* como exemplos da distinção entre público e privado e a passagem *Od. 2,192-3* como exemplo do poder da assembleia.⁴⁵

Embora haja discordância quanto ao período histórico, Morris e Finley executam o mesmo procedimento. Apoiando-se em hipóteses de como haveria se processado a composição, inserem os poemas em seus contextos de produção,

⁴³ Morris observa que o poeta descrevia eventos ocorridos em um passado que todos sabiam ser diferentes da época presente. Para recriar esse efeito utilizava-se a ferramenta narrativa da “distância épica”. Essas poderiam ser de natureza puramente inventiva – riqueza e força exagerada, monstros e rios falantes -, ou de natureza arcaizantes como elmos com dentes de javali, armas de bronze e carros de guerra, que apesar de serem instrumentos não mais utilizados no século VIII, ainda se possuía referência deles na época do poeta. Cf. MORRIS, Ian. *The use and abuse of Homer. Classical Antiquity*. Berkeley: University of California Press, v. 5, n.1, p. 81-1138. 1986.

⁴⁴ Sale faz crítica interessante a Morris para defender o ponto de vista de que na *Ilíada* a sociedade troiana seria configurada de acordo com o modelo da cidade-estado arcaica e os aqueus se organizariam de acordo com o modelo micênico. Ver SALE, William M. *The Government of Troy: Politic in the Iliad. Greek-Roman and Byzantine Studies*. Duham: Duk University, volume 35, número 1, p. 5-102, 1994.

⁴⁵ Os versos *Odisseia*, 2, 32; 44-45 referem-se à fala de Egípcio abrindo a assembleia convocada por Telêmaco, na qual perguntou se quem a havia convocado o fazia por ter notícias da tropa que fora para Tróia ou por algum outro negócio público (*dêmion*). Telêmaco responde então que o fazia por uma questão própria. Os versos *Odisseia*, 2, 192-3 referem-se à multa que um dos pretendentes ameaça aplicar a Haliterses.

estabelecendo, por esse modo, uma das bases de sustentação dos esquemas de referências que lhes permitem alinhar os elementos encontrados na narrativa homérica de forma coerente. No caso de Morris, o mundo da *pólis*. No de Finley, a **Idade Obscura**. Morris enfatizando o papel organizativo da assembleia, Finley, o do *oïkos*. Qual seria então a estrutura dominante no mundo homérico: a *ágora* ou o *oïkos*?⁴⁶ A qual mundo pertenceria a sociedade figurada na épica homérica?

Snodgrass questiona a possibilidade de a épica homérica retratar alguma sociedade realmente existente. Identificando incoerências no texto homérico, concluiu contra a existência de uma sociedade histórica na épica. Para ele, a sociedade descrita em Homero seria uma mistura, uma composição derivada de diversos períodos. Nenhuma sociedade histórica teria mostrado a combinação no uso de metais que se apresenta na épica. Nenhum grego teria testemunhado a seqüência precisa dos eventos narrados no funeral de Pátroclo. E o equipamento de luta apresentaria inconsistências, misturando armamentos de diversos momentos históricos. Observando que haveria duas práticas diferentes, na qual se inscreveriam os poetas da tradição oral, Snodgrass também utiliza uma hipótese sobre a forma de composição dos poemas e do papel de Homero para confirmar e legitimar suas opiniões. Um delas seria a do poeta tradicional que teria por prática adotar de seus predecessores o conjunto das formas sociais que esses utilizavam. Nessa prática, o escopo por contribuições criativas seria fortemente inibido, com os poetas procurando fazer seus personagens se comportarem exatamente do modo que estivessem fixados pela tradição, e, caso sentissem a necessidade de operar modificações, o fariam de forma a apagar o máximo possível a sua interferência pessoal. O outro comportamento, embora também de caráter tradicional, não se vincularia à herança legada de um único período histórico, mas de vários. Um poeta assim seria muito mais livre para utilizar sua criatividade, selecionando e misturando contextos. Para Snodgrass, Homero pertenceria a essa tradição de poetas orais e não

⁴⁶ Vidal-Naquet observa que é difícil determinar o que constituiria a estrutura dominante do mundo de Homero: a *pólis* propriamente dita, com seus órgãos de deliberação e decisão ou o *oïkos*, o domínio territorial sobre o qual se apoiava o poder dos chefes de guerra. Porém, ao se referir explicitamente à Ítaca, comenta que, do início ao fim, o que vemos funcionar não são as instituições da *pólis*, mas sim o *oïkos* de Odisseu, que é pilhado pelos pretendentes e sobre o qual se apóia para vencê-los, Cf. VIDAL-NAQUET, Pierre. **O Mundo de Homero**. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Cia. das Letras, 2002. 139 p. Long não opta entre o *oïkos* ou a *ágora* como espaços organizativos principais dos contextos sociais apresentados nos poemas. Para ele, a sociedade homérica apresentar-se-ia inconsistente não sendo possível eleger nenhuma dessas duas esferas como elemento determinante, cf. LONG, Anthony A. Morals and Values in Homer. **The Journal of Hellenic Studies**. London: Society for the Promotion of Hellenic Studies, v. XC, p. 117-139, 1970.

possuiria a preocupação de preservar a coerência de um quadro geral, usando sua criatividade para misturar contextos de maneira tão ampla e livre que não mais seria possível identificar nenhuma sociedade realmente existente na épica.⁴⁷

Embora apresentem diferenças significativas Finley, Morris e Snodgrass consideram que o texto homérico se caracteriza pela mistura de elementos aparentemente contraditórios e mesmo de natureza ficcional. A diferença significativa que apresentam encontra-se na natureza desse amálgama e na possibilidade de referências externas aos poemas possibilitarem a separação de seus elementos, chegando assim, pela análise, à identificação de formas sociais coerentes. Nesse esforço, formulam hipóteses sobre como teriam sido compostos os poemas. É nesse sentido que Finley afirma que Homero não gostava da contradição e que teria retransmitido versos compostos entre os séculos X e IX. Assim também Morris afirma que Homero encarna a visão da nobreza dos princípios do período arcaico, construindo uma trama que incorporava seus valores sociais e as formas organizativas de seu mundo; e, por sua vez, Snodgrass considera Homero conscientemente misturava contextos, produzindo uma obra de natureza claramente ficcional. Assim, embora discordem quanto às características dos modelos sociais presentes na épica homérica, praticam um mesmo procedimento analítico, projetando um sujeito consciente que dá forma aos poemas de acordo com suas práticas e costumes, que chamam de Homero. Mas quem seria Homero? Teria ele realmente existido? Como teria se processado a composição dos dois poemas?⁴⁸ E se o texto se apresenta indefinido quanto às questões de ordem social, a hipótese de como teriam sido compostos seria referência segura para sustentar sua vinculação a um contexto externo específico e, a partir dele, definir a relação *oïkos x ágora* na *Ilíada* e na *Odisseia*?

A fixação dos significados de dêmos e laós

A assembleia descrita na *Odisseia 2, 1 – 259* registra um silêncio intrigante e muito debatido entre os que se dedicam à questão da ordem social figurada na épica

⁴⁷ SNODGRASS, Anthony M. An Historical homeric society? **The Journal of Hellenic Studies**. London: Society for the Promotion of Hellenic Studies, v. XCIV, p. 114-125, 1974.

⁴⁸ Nagy critica a possibilidade dos poemas serem interpretados a partir da questão de suas autorias e datas de composição. Cf. NAGY, Gregory. **Homeric Questions**. Austin: University of Texas Press, 1991. 180 p.

homérica. Nela, após longa discussão, Telêmaco vê-se frustrado em seu pedido para que os pretendentes abandonassem sua casa. Então Mentor, lembrando que Odisseu fora um rei justo, censura o povo presente na reunião, repreendendo-o por não socorrer Telêmaco em seus reclamos.

Ouvi-me agora, itacenses, o que tenho para dizer: que doravante todo rei dono de cetro, em vez de ser benevolente, amável e lhano, e ter no coração pensamentos cordatos, seja sempre ríspido e obre iniquidades, pois que do **povo (laói)** sobre que reinava o divino Odisseu ninguém se lembra dele, embora fosse lhano como um pai; deveras não recrimino os bravos pretendentes por cometerem atos de violência nas vis tramas de sua mente, pois suas próprias cabeças respondem pelo abuso de devorarem a casa de Odisseu, que, segundo eles afirmam, não mais voltará. É com o **povo (dêmos)** em geral que me indigno pela maneira como vos quedais sentados em silêncio, em vez de, sendo vós tantos e os pretendentes tão poucos, os chamardes à ordem e os coibirdes. [Destaque nosso]⁴⁹

O povo a quem Mentor se dirige é identificado pelos vocábulos *dêmos* e *laós*. Quem seriam essas pessoas? Qual seria o status político de seus membros? Por qual motivo teria permanecido em silêncio na reunião, espectadores passivos de tudo que acontecia? A questão é complexa e não pode ser encaminhada de maneira simples. Segundo Benveniste, na épica homérica *laós* e *dêmos* seriam os dois principais vocábulos que expressariam a ideia de povo. Ambos teriam seus significados ligados à ideia de coletivo-público. *Laós* seria de origem aquéia, etimologicamente ligada a *leíton*, que, segundo Heródoto, seria a maneira como os aqueus denominavam o *prytaneion*.⁵⁰ *Leíton* comporia uma série de palavras cujos significados estariam associados às funções públicas como, por exemplo, *leitourgía*.⁵¹ Por sua vez, no domínio dórico, a noção expressada por *leitourgía* estaria associada à palavra *damoûrgos*, relacionada à *dêmos*. Tanto *damoûrgos* como *leitourgos* corresponderiam em sentido, sendo a primeira uma forma dórica e a outra, aquéia-eólica. Porém, embora Benveniste apresente etimologia ligando *dêmos* e *laós* à ideia de coletivo-público, relacionando-as ao contexto micênico e dórico, identifica, em Homero, uma diferença de sentido entre ambas. *Laós* seria uma organização própria das antigas sociedades

⁴⁹ **Odisseia**, 2,229-41. A tradução apresentada é de Jaime Bruna.

⁵⁰ Edifício público no qual se mantinha o fogo sagrado e os hóspedes e pensionistas da cidade eram alimentados. Cf. PRYTNEÏON. **Dictionaire Grec Français**. Paris: Hachete, 1950, p. 1690.

⁵¹ Função ou serviço público. Em Atenas, funções em que os titulares suportavam as despesas, como organizar coros ou equipar embarcações. Cf. LEITOURGÍA. **Dictionaire Grec Français**. Paris: Hachete, 1950, p. 1178.

guerreiras, que se constataria entre os germanos: a comunidade guerreira, o nome do povo enquanto porta armas, não abrangendo velhos e crianças. *Dêmos*, por sua vez, abarcaria um conceito territorial e político, designando uma porção de território e o povo que nele habita.⁵² No mesmo sentido Scheid-Tissienier observa que o termo *laós*, utilizado no singular ou no plural, remeteria sempre a um grupo ou a uma coletividade, no seio da qual as pessoas jamais seriam individualizadas. Os próprios adjetivos que qualificariam essa massa de homens insistiriam sempre sobre o número elevado de elementos que o compõe. O *laós*, nos diz, é a tropa de guerreiros que segue o seu chefe. *Dêmos*, por sua vez, designaria uma coletividade territorial e a comunidade, à qual todos os homens pertenceriam. No seio dessa comunidade, distinguir-se-ia o rei e, muitas vezes, os nobres.⁵³ Ainda nessa direção, Donlan considera que *dêmos* denominaria tanto a terra pertencente à comunidade como o povo que nela habita. Seria a vila no seu sentido humano e geográfico. Por vezes, *dêmos* seria mesmo empregado sem que fosse possível discernir, pelo contexto, em qual dos dois sentidos está sendo empregado, demonstrando assim estreita conexão entre os dois conceitos: a terra e o povo que nela habita.⁵⁴

Até aqui estamos diante de um conjunto de definições, sobre as quais há praticamente consenso. *Laós* significaria o bando guerreiro, o povo em condições de portar armas, enquanto *dêmos* significaria a comunidade e o território que ela habita. Porém os problemas impostos à interpretação começam a surgir quando passamos dessas definições gerais para identificação da condição social que caracterizaria a ideia de povo expressa nesses vocábulos. A crítica costuma apresentar a definição de seus significados sociais a partir de dois pontos de vistas diferentes. Uma dessas perspectivas é expressa de forma clara e objetiva por Glotz, para quem os vocábulos *dêmos* e *laós* teriam caráter excludente, designando apenas uma parcela do tecido social, formada por grupos politicamente subordinados que não tinham poder de decisão.⁵⁵ Para Glotz a

⁵² BENVENISTE, Emile. **O Vocabulário das Instituições Indo-Européias** – Economia, parentesco e sociedade. Campinas: Editora Unicamp, 1995, p. 91-97. V. 2.

⁵³ SCHEID-TISSINIER, Evelyne. Laos et dêmos, le peuple de l'épopée. **L'Antiquité Classique**. Bruxelles, tome DEEL LXXXI, p.10-18, 2002.

⁵⁴ DONLAN, Walter. Changes and Shifts in the Meaning of *Demos* in the literature of the Archaic Period. In: _____. **The Aristocratic Ideal and Select Papers**. Wauconda: Bolchazy-Carducci Publishers, 1999, p. 225-236.

⁵⁵ GLOTZ, Gustav. A Cidade Homérica. In: _____. **A Cidade Grega**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998, p. 29-50.

organização política que conformaria a sociedade homérica seria a de uma monarquia patriarcal, na qual o rei assume funções de chefe militar, religioso e político. Porém, embora o rei pareça muito poderoso, ele não governa sozinho, pois é circundado por um conselho consultivo formado de nobres provenientes das famílias mais poderosas da cidade. Segundo Glotz, depois de consultar o conselho, o rei deve anunciar as resoluções que tomou ao *dêmos*, a raia-miúda. Para tanto, convoca a *ágora*, “a assembleia plena”, em que se reúnem todos os *laói*, a massa daqueles que não tinham assento no conselho. A sociedade homérica descrita por Glotz é bipartida: de um lado; os grandes, aqueles que ocupam lugar no conselho; de outro, a raia-miúda, socialmente inferior, identificada aos vocábulos *dêmos*, *laói* e *plêthos*.⁵⁶

Finley também descreve a sociedade homérica a partir deste modelo, caracterizando-a por uma profunda clivagem social na qual, de um lado, estão os *áristoi*, detentores da maior parte da riqueza e de todo poder; de outro, “os de baixo”.⁵⁷ Finley relaciona o significado de *dêmos* a esses últimos, àqueles que se encontram abaixo da linha divisória demarcatória da clivagem social, os inferiores: espectadores passivos que, nas assembleias, às vezes protestam ou aclamam, mas que em geral permanecem em silêncio.⁵⁸ Finley e Glotz delineiam o mesmo modelo explicativo. Nele a sociedade homérica é bipartida, polarizada entre a nobreza e o povo, identificado aos vocábulos *dêmos*, *laós* e *plêthos*. Embora variem no tom da escrita, chegam ao mesmo resultado, explicitando uma operação analítica que, de tão comum, acaba passando por natural nos estudos homéricos: a identificação de grande divisão na sociedade homérica, caracterizada pela existência de uma nobreza, que concentra o poder e a maior parte das riquezas, e por uma multidão indefinida, vivendo diversas formas de subordinação à aristocracia. Nesse sentido *laós* e *dêmos* expressariam, respectivamente, a ideia do bando guerreiro e do povo que constitui uma comunidade, porém apresentariam caráter excludente, não identificando a totalidade do corpo social, pois deles não fariam partes os chefes pertencentes à nobreza.

Porém, embora as definições mostradas acima, pela força do uso e importância dos que as defendem, sejam predominantes, aumenta o número das vozes discordantes

⁵⁶ *Plêthos*, substantivo neutro que expressa a ideia de grande quantidade, multidão, turba. Cf. PLÊTHOS. *Dictionnaire Grec Français*. Paris: Hachete, 1950, p. 1570.

⁵⁷ Cf. FINLEY, Moses I. *O mundo de Ulisses*. Lisboa: editorial Presença, 1998, p. 51.

⁵⁸ *Ibid.*, p.101.

desse modelo. Donlan é um dos que fazem parte deste coro, enfocando a questão de forma bem distinta. Para ele, na épica homérica, *dêmos* não teria sentido pejorativo, nem denotaria uma classe social inferior, pois identificaria apenas o conjunto da população ora excluindo seus líderes, dando-lhe um sentido de parte, ora incluindo-os conferindo-lhe a ideia de totalidade. Assim *dêmos* designaria a totalidade dos homens livres, excluindo os líderes, porém também pode expressar a totalidade da comunidade.⁵⁹ Halverson, também discordando da posição de Finley, considera que as tensões de classe não seriam proeminentes em Homero. Para ele, a ideia de bipartição teria se estabelecido a partir da forma como *dêmos* e nobres são tratados como grupos separados na **Odisseia** 2.229ss e 16.375ss, porém não haveria razão para assumir que Homero teria retratado Ítaca de forma a caracterizá-la por profunda diferenciação social, pois tanto os “pretendentes” como o *dêmos* pertenceriam ao mesmo grupo social. Embora, para Halverson, a presença de pequenos agricultores em situação de sujeição fosse inferência possível a partir de Hesíodo, e historicamente plausível, a Odisseia não conteria referências a qualquer pequeno produtor em situação de dependência. Assim, nas assembleias de Ítaca, haveria somente um grupo de homens representado – seja chamado de aqueus, *laói* ou *dêmos* – que não seria estratificado.⁶⁰ *Áristoi* não seria uma designação de classe, mas identificaria somente os melhores no interior do *demos*.⁶¹ Geddes nos alerta para os perigos de relacionar o vocábulo *dêmos* a algum conteúdo social específico, por meio da identificação da sociedade homérica com qualquer sociedade real. Para ele, a presença do povo comum em Homero é improvável e a realza parece não ter nenhuma função. Em sua análise do vocabulário usado para

⁵⁹ Para exemplos de *dêmos* como a totalidade dos homens livres, excluídos os chefes, Dolan cita **Ilíada**, 11.,704; 18,490; 12,213; **Odisseia**, 7,150; 8,157; 7,11; 16,645. Para exemplo de *dêmos* como totalidade da comunidade, (**Ilíada**, 20,166; 11,328; 17,576-7; **Odisseia**, 21,17). Cf. DONLAN, Walter. Changes and Shifts in the Meaning of *Demos* in the literature of the Archaic Period. In: _____. **The Aristocratic Ideal and Select Papers**. Wauconda: Bolchazy-Carducci Publishers, 1999, p. 225-236.

⁶⁰ HALVERSON, J. Social Order in the Odissey. In: EMLYN-JONES, C.; et al. (Ed.) **Homer – readings and images**. London: Dukworth, 1996, p.176-190.

⁶¹ Halverson apresenta como exemplo, para sustentar sua opinião, a passagem **Odisseia**, (3, 214-15), na qual Nestor pergunta a Telêmaco se ele se submetia àquela situação porque os “*laói* te odiariam no *dêmos*” (σέ γε λαοὶ ἐχθαίρουσ' ἀνὰ δῆμον). Segundo sua análise, nesta passagem, *laói* identificaria o conjunto do agrupamento e *dêmos* o distrito, a comunidade na sua dimensão geográfica. Concordamos com ele, para nós, aqui o vocábulo *laói* possui o significado genérico de homens – aqueles em condição de portar armas – e *dêmos* de vila, no sentido de um agrupamento humano que ocupa uma extensão territorial. Para Scheid-Tissinier, nesta passagem, o vocábulo *laói* não poderia significar mais do que os nobres que compõem o grupo dos pretendentes. Cf. *Ibid.*, p.176-190.

designar o povo, observa que Homero geralmente utiliza para tal fim as palavras *laós*, *dêmos* e *plêthos*, porém nenhuma delas teria um sentido político especializado, identificando uma classe social inferior. O *laós* e o *dêmos* não seriam compostos por pessoas de condição social inferior, mas pelos que estariam, temporariamente, subservientes aos líderes. Como exemplo, observa que Odisseu e Eurímaco referem-se a eles mesmos como *laói*,⁶² e que Polidamas, identificado como alguém do povo (*dêmos*),⁶³ em várias passagens é qualificado com adjetivos honrosos relacionados com a arte da guerra.⁶⁴ Segundo Geddes, por não haver um claro vocabulário técnico para se referir a uma classe mais baixa, muitos historiadores pontuam incidentes em que o comportamento dos personagens poderiam indicar consciência de diferenças de sociais, sendo o caso mais notório o de Tersites que, segundo a crítica tradicional, teria sido mal tratado por Odisseu por ser um homem de condição inferior.⁶⁵ Alertando que sua origem não é registrada e a única coisa que se menciona dele é a sua feiúra, Geddes observa que o episódio seria supervalorizado pela carência de passagens envolvendo representantes de homens livres das camadas mais baixas. Para Geddes, Homero não teria conhecido homens poderosos e, em sua época, não haveria grande concentração de riqueza nas

⁶² Cf. **Odisseia**, 9, 263. (λαοὶ δ' Ἀτρεΐδew Ἀγαμέμνονος εὐχόμεθ' εἶναι). Nesta passagem, perguntado quem era, Odisseu responde ao Cíclope: “*Prezamos de ser homens (laói) de Agamêmnon*” (tradução de Jaime Bruna). Odisseu se coloca como *laói* e ainda afirma sentir orgulho. Parece evidente que, nesse contexto, *laói* não pode estar qualificando Odisseu como alguém que pertence a um grupo de estrato inferior.

⁶³ Cf. **Íliada**, 12, 211-213. (Ἕκτορ ἀεὶ μὲν πῶς μοι ἐπιπλήσσεις ἀγορήσιν / ἔσθλὰ φραζομένῳ, ἐπεὶ οὐδὲ μὲν οὐδὲ ἔοικε / δῆμον ἔοντα παρέξ ἀγορευέμεν, οὔτ' ἐνὶ βουλῇ / οὔτε ποτ' ἐν πολέμῳ, σὸν δὲ κράτος αἰὲν ἀέξεν). Nesta passagem Polidamas, em uma assembleia troiana, discorda de Heitor: “*Hector, ever dost thou rebuke me in the gatherings of the folk, though I give good counsel, since it were indeed unseemly that a man of the people (dêmos) should speak contrariwise to thee, be it in council or in war, but he should ever increase thy might*” (tradução de A.T. Murray). Na tradução de Cascais Franco: “*Heitor, tu repreendes-me sempre nas assembleias, apesar dos meus bons alvitre, a pretexto de que, sendo do povo (dêmos), não convém que eu fale de maneira diferente de ti, quer no conselho, quer na guerra, antes devendo reforçar o seu poder em todas as coisas*” (trad. Cascais Franco). Aqui não nos parece claros quais seriam os conteúdos sociais implicados na associação entre Polidamas e *dêmos*, embora deixe claro que alguém do *dêmos* não deva discordar de Heitor.

⁶⁴ Cf. **Íliada**, 12, 88-89 ; 13, 746; 14, 449; 15,446; 18, 249 – 252.

⁶⁵ A respeito de Tersites, ver STUURMAN, Siep. The Voice of Thersites: Reflection on the origins of the Idea of Equality. **Journal of the History of Ideas**. 2004; POSTLETHWAITE, Norman. Thersites in the Iliad. **Greece & Rome**. Oxford, v. XXXV, n. 2, p. 123-135, 1988; THALMANN, William G. Thersites: Comedy, Scapegoats and Heroic Ideology in the Iliad. **Transactions of the American Philological Association**, v. 118, 1988, p. 1-28. Uma interpretação sugestiva e provocante sobre o episódio é apresentada por Gustavo Oliveira explorando as proposições de Geddes, Cf. OLIVEIRA, Gustavo J. D. **A Multidão Diante do Herói na Íliada**. 2010. 137 f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

mãos de poucas pessoas. Não encontrando indícios de classes baixas tanto na *Ilíada* como na *Odisseia*, concluiu que, na época de Homero, não haveria uma clara distinção de classes ou seu poema não retrataria uma sociedade realmente existente.⁶⁶

Apresenta-se assim outra perspectiva para enquadramento dos significados de *dêmos* e *laós*. Por essa via, possuem significado social inclusivo, abrangendo o conjunto da população: da ideia de parte inferior da sociedade, passa-se para a ideia de conjunto social indiferenciado. Qual das duas perspectivas espelharia de maneira mais adequada suas significações no texto homérico? Quais seriam os conteúdos sociais que estariam encerrados nessas duas palavras, traduzidas tradicionalmente por “povo”? Responder a essas perguntas não significaria dar conta de uma das principais questões que anima o debate sobre a organização social retratada nos poemas: a dos grupos sociais que estariam presentes nas assembleias e a da estrutura hierárquica correspondente?

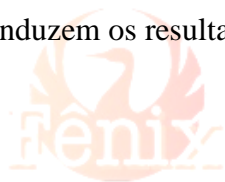
Estudar a representação do espaço comunitário, por meio de como a épica retrata as cenas de assembleia, envolve questões metodológicas que não podem ser deixadas de lado. E foi nesse sentido que orientamos a reflexão das relações entre as narrativas de cenas de assembleias, presentes na *Ilíada* e na *Odisseia*, e os contextos socioculturais empregados como referências nas interpretações dessas passagens.

Neste artigo, a finalidade básica não é o de apresentar encaminhamentos que possam sugerir respostas definitivas para a questão do papel da assembleia no conjunto das instâncias organizativas presentes na épica homérica ou para a da composição social do povo presente nela. O objetivo é de discutir os procedimentos de análise que servem de base para se produzir respostas para essas questões. O interesse é de caráter metodológico. É nesse sentido que trouxemos a discussão a respeito da vinculação da épica homérica a um período histórico específico, operada em consonância com a adoção de hipóteses a respeito de como os poemas teriam sido compostos, como também da determinação de significados precisos para os vocábulos *dêmos* e *laós*⁶⁷.

⁶⁶ GEDDES, A.G. Who's who in Homeric society. *The Classical Quarterly*. Cambridge: University Press, v. XXXIV, n. 1, p.17-36, 1984.

⁶⁷ Embora não tenhamos o propósito de estabelecer seus significados precisos, mas apenas delimitar a discussão sobre eles, no presente estágio, opta-se para *dêmos* o significado de povo, tanto em seu sentido populacional como geográfico; para *laós*, tropa ou bando; e para *laói*, os homens que compõem a tropa ou bando. Quanto à questão se teriam significados abrangentes, envolvendo a

Não se trata aqui de apresentar interpretações divergentes, para depois escolher a que mais nos agrada, ou mesmo de apresentar uma própria, mas sim de apontar procedimentos, delineando seus esquemas de referências. Não se faz necessário para os nossos propósitos adentrar na espinhosa questão de como empreender a interpretação de uma fonte textual, mas de perceber, no campo prático das análises das cenas de assembleias homéricas, a articulação do conjunto de referências que sustentam a interpretação. De trazer à tona, como referências externas aos poemas se combinam à análise de seus conteúdos internos, produzindo explicações que dão conta das indagações que norteiam os estudos sobre a organização das sociedades descritas em Homero. É no âmbito dessas preocupações que se considera proveitoso deixar a advertência para a necessidade de reflexão sobre certas práticas que, pelo costume do uso, acabam conduzindo as análises sobre a questão da sociedade figurada nos poemas homéricos. A vinculação da épica a contextos históricos específicos, e a determinação de significados para os vocábulos *dêmos* e *laós*, devem ser encarados como problemas a serem equacionados e não como pontos de partidas da análise que, uma vez fixados, conduzem os resultados da pesquisa.



www.revistafenix.pro.br

ARTIGO RECEBIDO EM 29 DE MARÇO DE 2012. APROVADO EM 20 DE JULHO DE 2012

totalidade dos elementos da comunidade, ou excludentes, identificando apenas uma parte dela - os que de alguma forma seriam de baixa extração social -, consideramos que não é uma questão que possa ser inferida pela leitura dos poemas, por não conterem referências precisas respeito. A condição econômica e a posição ocupada por cada um nas relações de produção é uma questão colocada por nós, modernos, e parece não ter importância na épica homérica. Mesmo o caso de Tersites apresenta problemas, a menos que, por ser feio e não ter o nome de seu pai citado, o consideremos alguém de condição social inferior.